

No caminho para a escola: a percepção e representação das paisagens por alunos do ensino médio em Alto Piquiri - PR

On the way to school: the perception and representation of landscapes by high school students in Alto Piquiri - PR

Paula Maria Mantovani

Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de
Ponta Grossa - UEPG, Brasil
paulinhammantovani@gmail.com

Juliano Strachulski

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de
Ponta Grossa - UEPG, Brasil
julianostrachulski@hotmail.com

Resumo

O presente estudo objetiva compreender a percepção e representação das paisagens, no caminho para a escola, observadas pelos estudantes da 3ª série do ensino médio do Colégio Estadual Papa João XXIII em Alto Piquiri - PR. Com esse intuito, a pesquisa foi colocada em prática a partir da realização de conversas informais, aplicação de um questionário e confecção de mapas mentais pelos estudantes. A partir das atividades, foi possível verificar que a compreensão da paisagem, sua percepção e os sentimentos a ela referidos, mostram que as concepções de mundo dos alunos, refletidas pelas paisagens, estão atreladas a elementos materiais e, com mais ênfase, imateriais. Já a representação das paisagens, mediante elaboração dos mapas mentais pelos alunos, privilegiou suas vivências, sentidos particulares e sentimentos, muito mais que um produto cartográfico, em que certos elementos podem estar no centro ou nas margens da folha, maiores ou menores, devido aos significados que recebem. Ao se trabalhar com as paisagens vivenciadas cotidianamente pelos alunos, torna-se possível que aprendam com as suas reflexões, a partir do que escreveram, falaram e desenharam, estimulando um olhar crítico e mais profundo sobre a realidade.

Palavras-chave: Paisagem, Percepção, Mapas mentais, Alunos.

Abstract

The present study aims to understand the perception and representation of landscapes, on the way to school, observed by students of the 3rd grade of high school of the Colégio Estadual Papa João XXIII in Alto Piquiri - PR. With this purpose, the research was put into practice from the realization of informal conversations, application of a questionnaire and making mental maps by the students. From the activities, it was possible to verify that the understanding of the landscape, its perception and the feelings referred to it, show that the conceptions of world of students, reflected by the landscapes, are linked to material elements and, with more emphasis, immaterial. The representation of the landscapes, through the elaboration of the mental maps by the students, privileged their experiences, particular senses and feelings, much more than a cartographic product, in which certain elements may be in the centre or the leaf margins, larger or smaller, due to the meanings they receive. When working with the landscapes experienced daily by the students, it becomes possible that learn from their reflections, from what they wrote, spoke and designed, stimulating a critical and more in-depth look at reality.

Keywords: Landscape, Perception, Mental maps, Students.

1. INTRODUÇÃO

O foco da ciência geográfica sempre foi entender a relação entre os grupos humanos e o meio ambiente. Já a Geografia escolar, preocupa-se em tornar o estudante mais consciente e crítico em relação à sociedade, o meio ambiente, as paisagens, entre outros temas geográficos. Nesses termos, o presente artigo possui como objetivo compreender a percepção e representação das paisagens, no caminho da escola, observadas pelos estudantes da 3ª série do ensino médio do Colégio Estadual Papa João XXIII em Alto Piquiri – PR.

A paisagem representa uma maneira de decifrar o mundo, que recebe uma gama muito diversificada de concepções e olhares, uma vez que cada indivíduo possui uma maneira única de compreender seus significados. Ao se falar em paisagem não se pode remeter apenas ao visível, ao que há de concreto, mas também aos sentidos, sensações e sentimentos. Segundo Tuan (1980, p. 4), “muito do que percebemos tem valor pra nós e as satisfações estão enraizadas na cultura”, que pode se manifestar de forma material ou simbólica nas paisagens, que refletem as ações e aspirações humanas.

Vários elementos simbólicos aparecem imbricados nas paisagens, sendo que uma paisagem pode ser vista pela mesma pessoa de várias formas, dependendo do seu humor, vivências, gostos, etc. Considerando-se a observação dos estudantes do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Papa João XXII, isso foi evidenciado em seus respectivos relatos, através de um questionário, onde todo contexto sentimental e rotineiro predominou nas respostas e nos mapas mentais por eles elaborados.

O olhar de cada um é a revelação de um conceito que vem carregado de uma carga sentimental e que produz respostas típicas momentâneas, em que o conhecimento vai além do visível. A percepção da paisagem relaciona-se, assim, tanto a realidade construída pelo imaginário, quanto aquela vivida e interpretada pela bagagem cultural de cada observador. Considerando a realidade dos estudantes, o mundo ao seu redor será o somatório das relações estabelecidas e dos conhecimentos adquiridos, tanto no ambiente escolar como em sua vida social. Para Del Rio (1996, p. 3-4) a percepção é,

[...] um processo de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos [...]. Embora essas percepções sejam subjetivas para cada indivíduo, admite-se que existam recorrências comuns, seja em relação às percepções e imagens, seja em relação às condutas possíveis.

O que envolve o cotidiano dos alunos influencia seu modo de observar a paisagem, cada indivíduo vai percebê-la e representá-la de forma diferente, pois sua relação com o mundo é

afetada por vários fatores e cada um os interpreta de formas distintas, uma vez que o aprendizado e entendimento são individuais.

Apesar de em vários momentos as paisagens serem consideradas em sua forma visível, o que predomina é a diversidade de olhares. Isso ocorre porque para alguns, o que mais vai chama a atenção é, por exemplo, o som de um pássaro, para outros podem ser as pessoas, um odor agradável, etc. Tal fato pode ser observado na fala de Santos (1991, p. 61) que define a paisagem como, “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”.

A concepção de mundo do aluno está intimamente ligada à construção do conhecimento adquirido que trará maior ou menor clareza do espaço e paisagens observados. A forma de se localizar ou como a visão de cada indivíduo sobre determinada paisagem muda se deve ao modo como a pessoa relaciona as imagens mentais.

A paisagem é aparência e representação, um conjunto de elementos visíveis e invisíveis, que são percebidos pelos indivíduos mediante suas próprias concepções de vida, suas escolhas e intenções. Muitas pessoas desenvolvem percepções ligadas a práticas culturais, a um fato ocorrido e outras possuem uma vivência maior no local. Quando esses indivíduos convivem diariamente com as paisagens, entendem-nas para além de sua materialidade, como feitas de sentimentos, juízos de valor, memórias e qualidades intrínsecas (LEMA, 1997).

Ao abordar a percepção dos estudantes sobre as paisagens, caminha-se pela Geografia humanística, ou Geografia da percepção, aonde o sujeito é levado a analisar a realidade de forma ativa, como produto e produtor das paisagens. Nesse contexto, Francischett (2002) aponta que o aprendizado da Geografia pode ser capaz de formar pessoas mais conscientes e preparadas para entender e organizar o espaço em que vivem.

A representação das paisagens pode ser feita mediante contribuições cartográficas, que para os alunos não se limitam a confecção de mapas, conhecimento decorado de paisagem e localidade, mas, em como relacionar as representações espaciais e suas concepções de mundo. Suas características socioculturais podem instigá-los a buscar o entendimento de sua realidade e transportá-la para a representação cartográfica. Segundo Rodrigues (1992, p. 74-75), “Cada sentido se especializa em captar uma parte da realidade. [...] A tudo isso acrescenta-se a experiência individual, constituída da bagagem cultural e da história de vida, de pensamentos, sentimentos, emoções, valores e atitudes”.

A observação da paisagem para alguns estudantes pode se limitar a questão física, levando em consideração apenas a vegetação, o relevo, os rios e as nuvens, deixando de perceber o meio como um todo. Quanto à representação ela evidencia a maneira como os estudantes enxergam o que ocorre

a sua volta, em seu espaço vivenciado. Porém, se a representação da paisagem for realizada por meios com os quais eles estejam mais familiarizados, podem trazer inteligibilidades mais profundas sobre a paisagem. Nestes termos, Daniels e Cosgrove (1988) destacam que a paisagem pode ser entendida enquanto um meio pictórico de representar tudo o que permeia a vida do ser humano. Pode ser estudada mediante a pintura sobre tela, a escrita em papel, imagens grafadas nas rochas, no chão, etc.

Segundo Pontuschka et al. (2007, p. 293), dentre as formas de representar a paisagem “O desenho espontâneo do aluno é, para o professor, um elemento de análise do nível cognitivo de certa realidade representada pelo aluno”. Isso permite entender as concepções de mundo (significados, sentimentos, saberes etc.) dos alunos e como veem suas paisagens.

Esse desenho quando afeito a temáticas geográficas recebe a denominação de mapa mental, que na visão de Kozel (2007, p. 115) é entendido como “uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as nuances, cujos signos são construções sociais”. Os mapas mentais representam a percepção dos indivíduos sobre o meio em que vivem, no presente caso: a representação da paisagem pelos alunos.

Os mapas mentais são constituídos mais pela sensibilidade, capacidade cognitiva e sentidos (audição, olfato visão, etc.), do que pela rigidez das elaborações cartográficas, permitindo aos alunos incorporar suas concepções individuais e/ou coletivas, suas atitudes e vivências a essas imagens culturais (KOZEL, 2007; RICHTER, 2010), carregadas de subjetividade, que mudam de acordo com o seu estado de espírito, e não estáticos como um produto cartográfico. Apesar de serem construções mentais, guiadas por processos simbólicos, retratam características do mundo real, reproduzindo paisagens reais criadas materialmente por atores sociais histórica e culturalmente constituídos (KOZEL; NOGUEIRA, 1999).

Várias e diversificadas podem ser as representações sobre as mesmas paisagens, cujos mapas mentais podem ter graus distintos de detalhamento, pois as relações de afetividade e intensidade na vivência com determinadas paisagens são diferentes para cada pessoa. Tal fato se explica pela condição de que os mapas mentais não são como o reflexo de um espelho, que mostra a realidade *ipsis litteris*, tendo em vista que sua construção passa por processos cognitivos que são filtrados por visões de mundo e intencionalidades específicas que alteram sua construção quando são traduzidas na forma de ilustrações (RICHTER, 2010).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada visou compreender como as paisagens são observadas entendidas, sentidas e representadas pelos estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Papa João XXIII em Alto Piquiri – PR. Ela ocorreu, basicamente, no mês de outubro de 2014, mediante um questionário

com três perguntas – “O que você entende por paisagem?”; “De sua casa à escola, quanto às paisagens, o que você observa?”; “Ao observar as paisagens quais são os sentimentos que você acha importante destacar?”; – e a elaboração de um mapa mental.

Essas atividades tiveram a participação de 12 estudantes do sexo masculino e 13 estudantes do sexo feminino, sendo que a faixa etária variou de 16 a 21 anos, onde os estudantes deveriam descrever o que é paisagem para eles e representar com desenhos aquelas pelas quais passam cotidianamente desde a saída de sua casa até a chegada à escola. Além do questionário, também foram realizadas conversas informais (GIL, 2008) sobre o assunto em questão. Tais diálogos deixam os participantes mais à vontade para falar e permitem uma visão aproximativa do problema estudado, sendo conduzidos por uma temática central, a aqui a paisagem.

Em um primeiro momento, estabeleceu-se um diálogo com os educandos sobre como deveriam retratar as suas experiências. Se haviam prestado atenção no trajeto que percorriam até a escola e quais as principais paisagens que lhes chamavam mais a atenção. A partir disso, e para uma aproximação ao que os alunos teriam de fazer, foram utilizados como exemplos materiais e objetos presentes em sala de aula, como carteiras, ventilador, TV pen drive, distribuição das carteiras dos estudantes, do professor, lixeiras, janelas, armários entre outros. Com isso observou-se como a sala era vista por eles e o que eles percebiam além dos objetos.

Ações simples como mapear a própria sala permitem uma compreensão e diferenciação do real e do representativo por parte dos alunos, ou seja, possibilita-se que compreendam e possam distinguir entre algo que é real, concreto, e o que é uma representação. Dessa forma, os alunos são instigados e começam a entender e utilizar tais noções para criar outras representações - mapas mentais (ALMEIDA; PASSINI, 1999).

Em um segundo momento, após o exercício teste que o precedeu, o questionário foi inserido como forma de colocar em prática o que os estudantes já entendiam por percepção e representação, de forma que escrevessem no papel as respostas das perguntas. Após isso, realizaram desenhos do trajeto e paisagens de suas casas até a escola, caracterizando seus mapas mentais. Esse momento privilegiou as experiências de vida, sentimentos, percepções e concepções de mundo, muito mais que um produto cartográfico. Com vistas a analisar suas representações, elegemos sete mapas mentais, de acordo a diversidade de ilustrações, tendo em vista que foram elaborados quatorze exemplares.

Para a consecução dessas atividades, foram entregues a eles materiais como folhas de sulfite, para que copiassem as perguntas do questionário e registrassem as respostas, canetas, lápis, borrachas, régua, entre outros. A utilização de materiais extras ficou a critério dos educandos. O tempo necessário para a realização da atividade, de compreensão do que é a paisagem, aquelas mais observadas, sentimentos atrelados a elas e representação das mesmas - com mapas mentais -, pelos estudantes, foi de três aulas de cinquenta minutos cada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Colégio Estadual Papa João XXIII está localizado na área urbana do município de Alto Piquiri, no Estado do Paraná (Figura 1). Nele foi realizada a atividade que visava compreender a percepção e representação da paisagem pelos alunos de uma turma de terceira série que ali estudam. Ao analisar as respostas dos estudantes e seus respectivos mapas mentais em relação ao seu trajeto até a escola, observa-se a diferenciação de percepção da paisagem em relação a cada um deles.

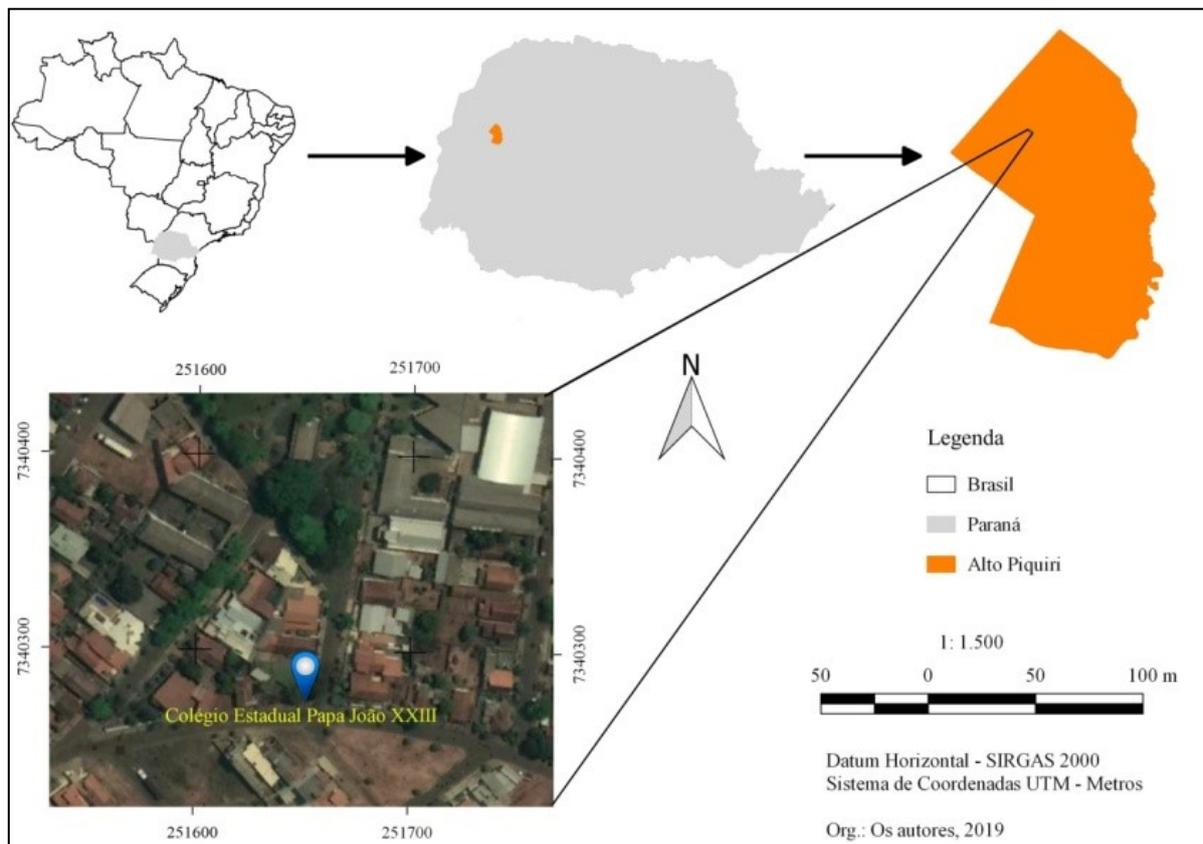


Figura 1 - Mapa de localização do Colégio Estadual Papa João XXIII

Fonte: Os autores.

Embora em algumas ocasiões o trajeto realizado pelos alunos fosse o mesmo, a forma como a paisagem era vivida e percebida por cada um se diferenciou. Estudantes que vem para a escola de transporte escolar como o ônibus, carro ou outro, que moram em áreas rurais ou distantes do município, como os distritos, chácaras, sítios, fazendas, dentre outros, possuem uma visão diferenciada de quem mora em área urbana. Sobre a paisagem, Martinelle e Pedrotti (2001, p. 40) destacam que “Cada pessoa vê diferentemente de outra, não só em função do direcionamento de sua observação, como também em termos de seus interesses individuais”. Ou seja, quem mora no meio rural tem mais interesse pelo meio natural do que por aqueles que vivem no meio urbano, pois se torna parte significativa de suas experiências de vida.

Alguns alunos falam da paisagem apenas como um lugar em que moram e das características dessa moradia. Por exemplo, aqueles que moram em zona rural citam as árvores e a paisagem de sua casa em si. Os estudantes da zona urbana, que compartilham dessa forma de se observar a paisagem, relatam a casa e seus vizinhos como também o espaço de sua casa.

Visando compreender a concepção dos estudantes sobre o conceito de paisagem, fez-se a eles a seguinte pergunta: “O que você entende por paisagem”? Na maioria das respostas a paisagem para eles remeteu a idéia de natureza, locais bonitos e que transmitem paz e sossego.

Essa concepção de paisagem também se alinhou com o sentimento manifestado, aonde o que se vê te faz bem ou mal, levando o estudante a observar e decifrar a paisagem de acordo com o humor. Alguns ainda retratam a paisagem como “habitats” naturais a serem preservados, outros ainda citam a construção que a envolve e que é produzida pelo homem, como também sutilezas da natureza como o desabrochar de flores. Para outros a paisagem é geométrica ou algo estético, uma imagem que demonstra um desejo de melhora de aparência do local ou ainda o campo de visão que os olhos podem alcançar.

Percebeu-se que a forma predominante de identificação de uma paisagem pelos alunos está relacionada ao que veem, apesar de sempre a correlacionarem a um sentimento momentâneo ou não. Em alguns momentos, se prendem a paisagem como algo natural, onde o belo da natureza sofre a ação degradante do crescimento populacional. A partir de algumas definições feitas pelos alunos pode-se evidenciar o acima exposto (Tabela 1).

Através das definições acima que são as respostas a respeito do que entendem por paisagem, predomina a fala da percepção estética e natural e até de fenômenos da natureza que passam a ter uma importância maior para cada um. Pode-se compreender que para essa perspectiva a paisagem supõe a dimensão da realidade material: “é o que se vê, e neste sentido ela é decorrência também do olhar que se constrói, em parte como herança histórica da cultura e em parte como resultado da experiência individual” (CASTRO, 2002, p. 132). A maneira como os alunos entendem a paisagem depende tanto do compartilhamento de uma visão histórico-cultural coletiva, bem como das suas experiências particulares.

Por outro lado, se evidencia também que o conceito de paisagem de alguns alunos, entendido com “*tudo aquilo que você para e fica olhando e admirando*”, se aproxima muito da definição presente em dicionários e, em especial, de uma primeira impressão e conceituação mais singela de Santos (1991, p. 61.), para quem a paisagem é “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança”.

Numa outra compreensão, mesmo aparecendo de forma menos significativa, relacionam o natural ou artificial aos sentimentos, o que apresenta uma variada gama de possibilidades de interpretação do mundo, nesse caso a paisagem é entendida como uma janela que se abre para um

horizonte infinito (DARDEL, 2011). Como visto no entendimento da maioria dos alunos, ela se apresenta, em especial, como o domínio do visível, composta de volumes e formas, porém, não é só isso, ela também é composta de movimentos, cores, sons e odores (SANTOS, 1991).

Tabela 1 – Definições de paisagem pelos alunos e á o que elas se relacionam.

Definição de paisagem pelos alunos	Á o que se refere a definição
<i>“É aquele lugar muito bonito e reservado e que chama muito a atenção”</i> (Jovem de 17 anos morador da área urbana).	A beleza estética
<i>“Depende do ponto de vista de cada um, mas na minha percepção paisagem é um local belo e aconchegante”</i> (Jovem de 17 anos morador da área urbana).	A beleza estética e sentimento
<i>“Entendo por paisagem tudo aquilo que é belo, mas não em prioridade as coisas, objetos feitos à mão do homem, por exemplo, uma casa ou um quadro. Mas sim, uma simples flor ao desabrochar”</i> (Jovem de 17 anos moradora da área urbana).	A beleza estética e a natureza
<i>“Paisagem é tudo aquilo que você para e fica olhando e admirando”</i> (Jovem de 18 anos morador de área urbana).	A beleza estética
<i>“Paisagem é algo onde se encontra muitas coisas bonitas, árvores, pássaros, rios, lagos e pessoas”</i> (Jovem de 17 anos morador da área rural).	A beleza estética e a natureza
<i>“Paisagens é tudo que a gente vê e nos chama a atenção, aquilo que é bonito de se admirar”</i> (Jovem de 21 anos moradora da área urbana).	A beleza estética
<i>“Paisagem é tudo que você está olhando com seus olhos em uma área ou local, como exemplo, uma rua com uma escola”</i> (Jovem de 18 anos morador da área urbana).	Elementos artificiais e conceitos geográficos
<i>“Ela expressa o que está ocorrendo ou o que vai ocorrer, exemplo: o céu nublado demonstra que vai chover”</i> (Jovem de 16 anos morador da área urbana, no entanto, a localização da casa e rua onde mora, possui em seus arredores, características da zona rural).	A natureza e a um cenário
<i>“Forma estética do que vemos”</i> (Jovem morador de área urbana, mas, com características similares a de zona rural).	A beleza estética
<i>“Entendo que paisagem é tudo que é vivo, tudo aquilo que faça ter um sentido naquilo que vejo”</i> (Menina de 19 anos moradora da área urbana).	Aos sentimentos e a natureza

Fonte: Dados da pesquisa.

Org.: Os autores.

Já quando perguntado aos alunos: “De sua casa à escola, quanto às paisagens, o que você observa”? Foi possível evidenciar não uma permanência ou repetição do que é apenas visto, mas, uma expressão do sentimento de cada um em determinados dias.

Em sua maioria, disseram que de acordo com o humor ou comportamento do momento, a paisagem que observa se torna agradável ou não, ou seja, nos dias que estão preocupados, bravos ou tristes ou algum sentimento contrário ao bem estar, eles observam as paisagens como degradantes e

feias, já nos dias em que estão de bom humor e sentindo-se contentes, as paisagens se tornam mais agradáveis e certos detalhes acabam chamando a atenção de um jeito mais positivo.

Segundo Tuan (1980) esse fato está relacionado à topofilia que é o vínculo positivo entre uma pessoa ou grupo de pessoas e o visível, ou seja, o ambiente físico, entenda-se paisagem. Estas imagens da topofilia derivam do mundo a volta das pessoas, da sua realidade local, uma vez que,

As pessoas atentam para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram respeito ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas vidas. As imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas são vistas agora com toda claridade (TUAN, 1980, p. 137).

Em outra situação os alunos são instigados a responder: “Ao observar as paisagens quais são os sentimentos que você acha importante destacar”? Aqui é possível verificar que quando os alunos são estimulados a fala sobre as paisagens muitos sentimentos afloram, como: alegria; esperança de melhorias na cidade, como expresso por um dos estudantes: “*esperança de um mundo melhor*”; tristeza, desânimo, podendo considerar as paisagens como “*feias*” ou repulsivas pelo lixo encontrado nas ruas; paisagens bonitas relacionadas ao desejo por algo, como perfumes que estão nas vitrines das lojas que fazem parte de seus percursos; sensações de liberdade, cuidados com o que está ao redor de suas casas, dentre outros.

Há uma interpretação do mundo que lhe rodeia relacionado as suas angústias e ansiedades, sonhos e aspirações, dado que “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (COSGROVE, 1998, p.108).

Vale destacar que a percepção dos estudantes residentes em áreas rurais é diferente daqueles que habitam o meio urbano, visto que retrataram uma admiração maior pelo natural que permeia seu cotidiano e o seu trajeto escolar. Em geral, destacaram lembranças de situações agradáveis da infância ou de um passado menos longínquo, quando um ponto do trajeto os remete a sensações de alegria ao se recordar do que já fora vivido em uma das paisagens observadas e experienciadas diariamente. Um exemplo significativo dessa situação, e citado com frequência, se refere aos encontros realizados com amigos na praça da cidade, tendo em vista que vários colegas foram morar na área urbana. Conforme Tuan (1983, p. 158, grifo nosso), “os acontecimentos simples podem com o tempo, transformar-se em um sentimento profundo **pela paisagem**”.

Entende-se, assim, que relacionam as paisagens com os seus próprios sentimentos, as quais se revelam nos termos descritos como: paisagem agradável ou desagradável, bonita ou feia. Um olhar confundido com o bom ou mau humor, pressa do cotidiano, fim de um dia de trabalho, atraso no horário da chegada à escola, bem como do retorno para suas casas. Uma percepção

desatenta ou no mínimo distraída, como relata uma jovem de 19 anos: “às vezes a pressa por ter horário para chegar”.

Esses e outros fatores contribuem para uma percepção reduzida da totalidade da paisagem. Percebeu-se que alguns alunos se mostraram confusos durante o diálogo em relação a retratar a paisagem que observam. Muitas vezes essas percepções estão atreladas ao fato de que as paisagens pareçam monótonas, homogêneas e ausentes de sentimentos. Daí uma certa indisposição para realizar a atividade. Tal fato demonstra que para alguns alunos as paisagens por eles vivenciadas não possuem muito significado, seja por não terem vivido experiências marcantes nelas ou, simplesmente, por não possuírem nada que os prenda a atenção.

A realização da atividade de elaboração dos mapas mentais vem com a proposta de proporcionar aos alunos uma reflexão representada por uma ilustração acerca das paisagens pelas quais transitam de forma frequente. Um modo de buscar despertar a sua curiosidade para representar as paisagens por eles vividas e tentar decodificar os sentidos que atribuem as mesmas.

O que se percebeu é que os alunos, além do visível, também dão muito mais ênfase a elementos singulares, características individuais, sentimentos, vivências, traços irregulares, que são os referenciais mais importantes para construir os mapas mentais, e não conhecimentos cartográficos, resultando em mapas tradicionais, que em realidade não foram objeto desse estudo. Completando o pensamento, Kozel e Nogueira, (1999) destacam que mais importante do que impor categorias acadêmicas é incentivá-los a terem liberdade na sua construção, para que seus mapas mentais atuem como forma de comunicação, que pode ser entre pessoas, lugares e tempos.

Buscou-se valorizar as suas individualidades e percepções próprias, bem como a forma de representá-las. Assim, quando se inseriu nesse trabalho os mapas mentais, visou-se utilizar sua experiência e percepção para a representação de suas paisagens cotidianas. Notou-se que cada um dá importância a diferentes elementos na representação das suas paisagens. Corroborando ao exposto anteriormente, Kozel (2009, p. 1) explica os mapas mentais de forma que sua representação envolve o que é vivido pela pessoa, sendo entendidos como:

[...] uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado.

Com vistas a compreender as representações dos alunos sobre as paisagens que percorrem quase que diariamente no caminho para a escola, foram eleitos sete mapas mentais para analisar as suas concepções de mundo.

No mapa mental 1 (Figura 2) nota-se que o trajeto retratado pelo aluno I. B. até a escola possui poucos detalhes, mas uma percepção geral de estrutura e movimento da paisagem mais aguçada do que os demais mapas mentais.

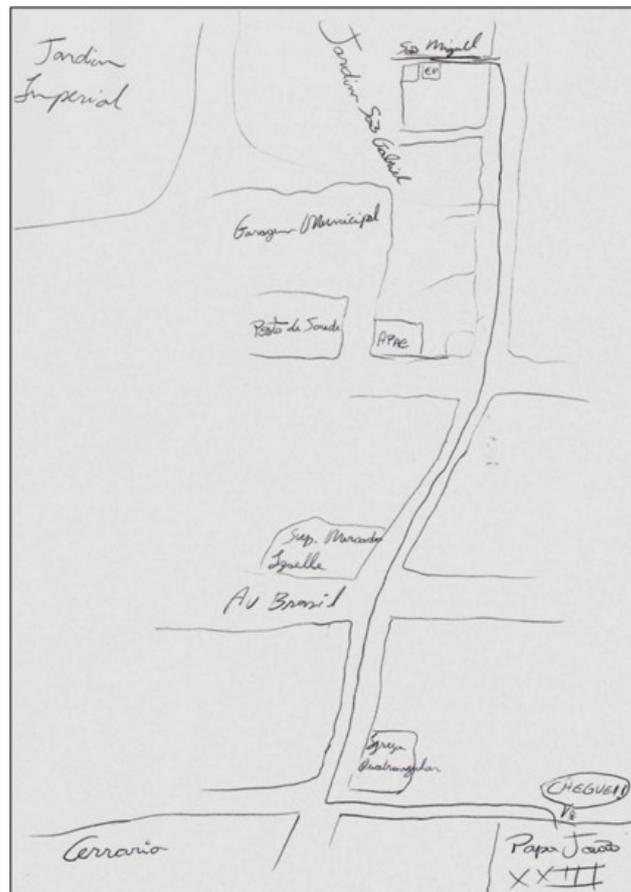


Figura 2 – Mapa mental 1, do aluno I. B. de 17 anos
Fonte: Dados da pesquisa.

O aluno identifica o processo de urbanização, ressaltando a expansão de novos bairros próximos ao que ele mora e ao lado dele mais outros dois conjuntos habitacionais iniciados. Há alguns anos atrás está era uma paisagem praticamente rural, onde se notavam os limites do meio urbano. Em seu questionário ele evidencia isso ao exemplificar que em seu trajeto observa poucas árvores, uma vez que foram cortadas para a construção desses conjuntos, observa também muitas construções de casas que acabam gerando uma paisagem de amontoados de materiais. Em relação à localização descrita por ele, notam-se também pontos de utilidade pública como o posto de saúde e a garagem, além de uma escola APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais).

O educando percebe o movimento e a mudança drástica da paisagem, tendo em vista que ela não é uma afirmação estática, inerte, transformando-se. E ao mesmo tempo que muda sua materialidade seu significado (imaterialidade) também acompanha o fluxo do tempo. De uma visão do meio rural, em que imperam sentimentos como calma, tranquilidade, paz, afeto a beleza natural, para o meio urbano, aonde a pressa cotidiana, os movimentos do capital, a geometrização da

paisagem e o deslumbre pelo novo ganham destaque. Nesse caso a percepção e representação da paisagem pelo aluno se dá muito mais no plano material do que no plano do sensível.

Ao que se retrata no mapa mental 2 (Figura 3), o caminho traçado pelo aluno L. E. P. S. representa tanto física quanto simbolicamente uma paisagem totalmente artificial). Não há nenhum elemento da paisagem que seja do meio natural representado no mapa mental, nem suas percepções destacam isso, visto que quando se refere há uma paisagem que lhe traz bons sentimentos, não faz menção a elementos naturais.

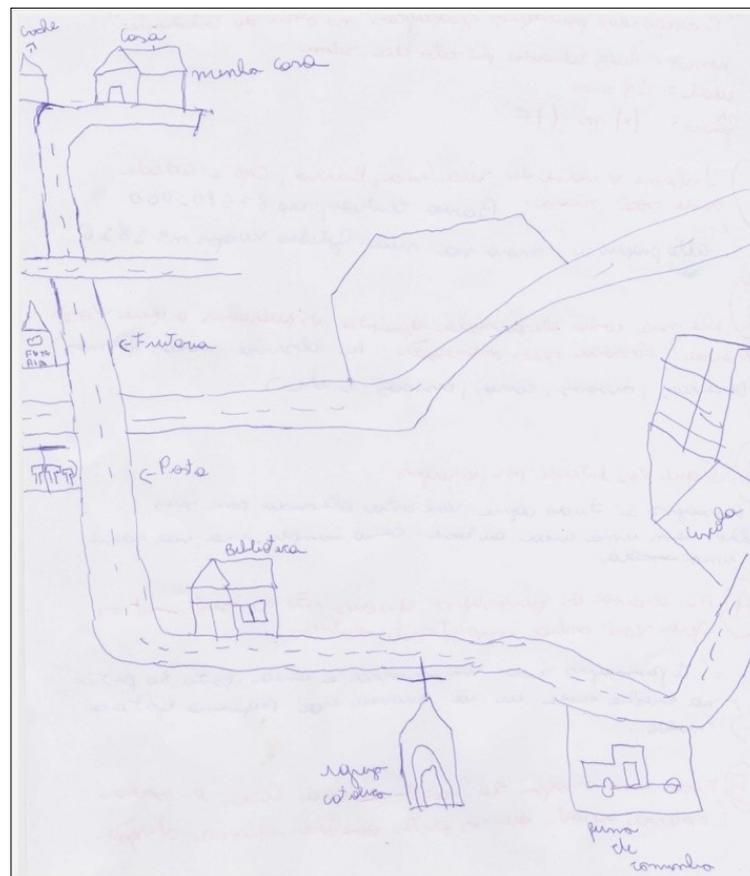


Figura 3 - Mapa mental 2, do aluno L. E. P. S. de 18 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Em seu trajeto para a escola, representa paisagens que congregam sua casa, uma creche, um comércio de frutas e verduras, um posto de combustível, uma biblioteca, uma igreja, uma fábrica de caminhões e a escola. Esse mapa mental é o único que representa uma igreja. Apesar de não ocupar a área central do mapa, como é de costume em representações de tais templos, ao desenhá-la o aluno mostra o simbolismo que essa guarda em seu imaginário.

Apesar do significado religioso da igreja, a paisagem simbolicamente mais significativa para o aluno é aquela que congrega a creche, nas proximidades do posto de combustível. Assim, justificase a presença de tais elementos no mapa mental. Nas palavras do aluno L. E. P. S. *“A paisagem que me marca é uma perto do posto, na creche, onde eu ia quando era pequeno, gostava muito”*.

Significa dizer que quando os acontecimentos do passado afloram no imaginário das pessoas, seja pela memória, visão, ou outro aspecto, torna-se possível conferir afetividade a certas paisagens. Completando o pensamento, Cosgrove enfatiza que (2002, p. 69) “O uso do sentido da visão é conformado tanto pelas imagens vistas no passado, pelas experiências individuais, memórias e intenções quanto pelas formas físicas e os espaços materiais diante de nossos olhos”.

O mapa mental 3 (Figura 4), elaborado pelo aluno E. R., retrata um trajeto de mais detalhes da paisagem do que o anterior. Sua percepção dá ênfase a certos locais, como a praça, que aparece como ponto de referência, porque ele observa um lugar que lhe dá uma sensação de bem estar, devido as palmeiras e outras árvores ali presentes. A palmeira também se encontra em sua casa. O “calçadão” da cidade também é importante para ele, pois é um ponto de referência, onde se encontra o comércio (lanchonetes, sorveterias, dentre outros) e onde as pessoas se reúnem. A escola também é representada com maior nível de detalhamento, aparecendo os pavilhões e a praça que há dentro do colégio.

É o único mapa mental que apresenta detalhamento na representação da escola. Sua expressão gráfica aponta para o desenvolvimento de experiências significativas na paisagem da escola com alto valor de afetividade, uma vez que o mapa mental consegue registrar aqueles elementos do espaço que são mais representativos para a pessoa. A paisagem ganha vida a partir das lembranças, percepções e vivências que são expressas nos mapas mentais, refletindo um dialogismo entre o indivíduo e o mundo na sua compreensão deste.

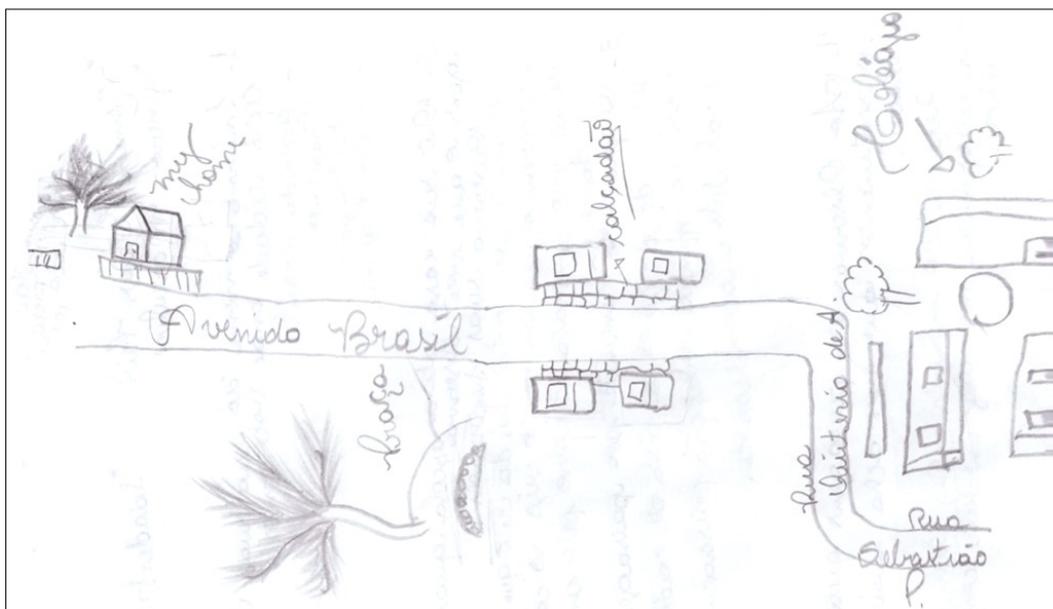


Figura 4 – Mapa mental 3, do aluno E. R. de 17 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao mapa mental 4 (Figura 5), a aluna A. S. S. utiliza-se de vários pontos de referência e em sua maioria comércio, como mercados, postos de gasolina, academia e também um ponto de atendimento público que é a clínica da mulher, sendo o único centro de atendimento da

cidade que se localiza naquela área. As árvores desenhadas ao lado da avenida simbolizam a praça e o parquinho que há para as crianças.



Figura 5 – Mapa mental 4, da aluna A. S. S. de 18 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Os elementos presentes nessa representação, mostram pelo simples fato da aluna reconhecer as lojas do comércio, o posto de atendimento público, a praça e o parquinho, os valores culturais impressos nas paisagens, devido ao convívio cotidiano com as mesmas, continuam apresentando significados (COSGROVE, 1998), seja por motivo de lazer, saúde ou outro.

No tocante ao mapa mental 5 (Figura 6), a aluna B. P. P. descreve de forma singela seu trajeto até a escola, cujo ponto que ela destaca é a árvore, que transmite a ela paz e sossego. Entendendo que uma das características centrais de um mapa mental é a sua capacidade de comunicação e transmissão de informações (KOZEL; NOGUEIRA, 1999), a representação dessa aluna, em comparação as demais, é aquela que possui tais qualidades de forma menos evidente.

A partir do mapa mental, entende-se que para essa aluna as paisagens pelas quais ela passa diariamente parecem não ter muita importância, devido ao baixo grau de comunicação de seu mapa mental, incipiente detalhamento, caracterizando uma representação menos expressiva da realidade do que os demais mapas mentais. Porém, ela expressou de forma mais clara seus sentimentos e concepções de mundo a partir das respostas às perguntas do que com a elaboração do mapa mental.

Como o mapa mental é apenas uma forma de representação da realidade, nem todos conseguem se expressar da melhor forma possível a partir de ilustrações, seja por dificuldade em realizá-las ou outro fator. Não obstante, Richter (2010, p. 167), afirma que “o mapa não é um reflexo direto da realidade, ele passa por filtros, por leituras particulares que alteram sua dimensão – do geral ao específico”.

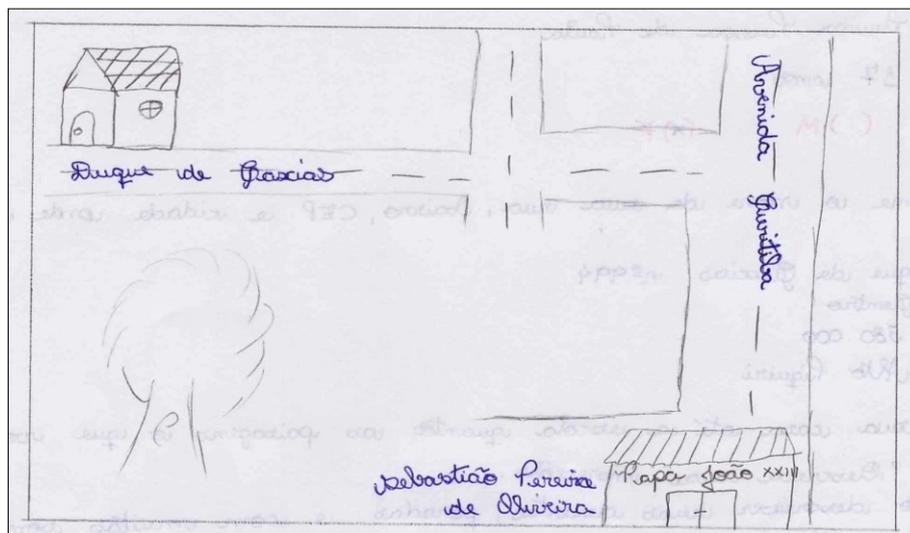


Figura 6 – Mapa mental 5, da aluna B. P. P de 17 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

O mapa mental 6 (Figura 7), do aluno L. R., dá ênfase há um bar, um posto de combustível, casas, a arborização urbana, a rua e aos veículos, deixando em segundo plano a escola que aparece de forma pouco visível, recebendo a menor importância dentre os elementos representados, encontrando-se no canto inferior direito do mapa, não havendo um detalhe específico sobre ela.



Figura 7 – Mapa mental 6, do aluno L. R. de 19 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se compreender que a paisagem da escola em si não seja muito significativa para esse aluno, por experiências negativas no ambiente escolar ou outra situação, como é o bar, ou as árvores, e o posto de combustível. Ele destaca que observa várias árvores no trajeto até a escola. Os elementos naturais da paisagem possuem um atrativo estético que prende a atenção, em especial, desse aluno. Alguns locais possuem maior significado para algumas pessoas e outros para outras, o que define os sentimentos e o apego ou não a uma determinada paisagem são as experiências nela vivenciadas.

No mapa mental 7 (Figura 8), o aluno A. P. destaca no seu trajeto até a escola à estrada rural que ele percorre. Caminho esse que ele concede mais atenção a paisagem rural, uma vez que são os limites da propriedade em que mora e que ele considera um local de tranquilidade.



Figura 8 – Mapa mental 7, do aluno A. P. de 18 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

A percepção do aluno morador da área rural evidencia ainda mais o foco na observação da paisagem como meio natural. No entanto, a cerca presente no mapa representa, para ele, o trabalho desenvolvido por ele e pelo pai, para ampliação do pasto na criação do gado de leite. Ao representar a paisagem observada, relaciona-se o meio biofísico com os aspectos culturais (benfeitorias realizadas na propriedade) e sentimentos.

Como infere Cosgrove (1998), os simbolismos, apesar de serem mais percebidos no meio urbano, também são notáveis nas paisagens rurais (culturais ou naturais), entendidas enquanto símbolos poderosos em si mesmos. A maneira de perceber e conhecer a paisagem é definida pelo valor do seu espaço de vida (TUAN, 1980, 1983), logo a paisagem rural é a mais significativa para esse aluno, porque nela é que passa a maior parte do tempo, seja no trabalho ou na contemplação da natureza.

Os mapas mentais, produzidos através da percepção e conhecimento já adquirido ao longo de sua caminhada escolar e vivências diárias, identificam várias paisagens diferenciadas. São imagens carregadas do olhar de quem elabora retratos da realidade, em forma de desenhos, a partir de suas vivências. A construção da identidade deles também se reflete em suas representações, um pouco de seus traços culturais e estilos que se identificam são retratados de forma integrante aos seus mapas. Como destaca Kozel (2009, p. 2),

O mundo cultural é considerado não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem explicitada no sistema de relações sociais no qual estão inseridos valores, atitudes e vivências, e essas imagens passam a ser entendidas como mapas mentais.

Compreende-se que o aprender histórico e intelectual desponta na medida em que há a provocação. Por outro lado, revelaram dificuldades na interpretação dos mapas, e, sobretudo, representá-los, de tal forma que muitos não expunham riquezas de detalhes no exercício efetivado dos mapas mentais, bem como faltou explicitar mais a criticidade com as paisagens observadas. Nas palavras de Tuan (1983, p. 222), “é difícil articular boa parte da experiência humana, e estamos longe de encontrar artefatos que meçam satisfatoriamente a qualidade de um sentimento ou a resposta estética”. Portanto, a riqueza de detalhes ou a criticidade de um mapa mental podem ser uma questão de ponto de vista, na medida em que cada indivíduo possui vivências particulares atreladas as várias paisagens que o permeiam, algumas com um significado mais valioso, outras menos.

A interação do aluno com os mapas mentais mostra como as diferentes interpretações de paisagens rotineiras, para quem convive com as mesmas, são carregadas de significados. O fato de surgirem detalhes nesse trajeto percorrido por eles mostra como eles relacionam suas emoções ao que vivem, em sua maioria a aparição de árvores e outros fatores ligados ao meio biofísico transmitem a eles sensações boas e de bem estar sendo aliadas a dias de bom humor.

Quando surgem locais que evidenciam lixo ou onde há desorganização ou ainda amontoados de materiais de construção civil, as paisagens por eles descritas refletem uma repulsa ou um sentimento de tristeza, pois esses ambientes lhes expõem paisagens desagradáveis. O que nas palavras de Tuan (1980) seria a topofobia, ou seja, o sentimento de rejeição, aversão, desconforto, repulsa ou medo.

O mapas mentais expressaram as características vividas pelos alunos, visto que os retratos das paisagens estão repletos de sentimentos e significados daqueles que os produziram, ou seja, a partir de sua grade cultural, bem como a interpretação do desenho dessa paisagem, que não pode ser entendida somente pela visão, mas em conjunto com “os outros aspectos sensoriais, cognitivos e afetivos do comportamento humano, **visto que pode ser percebida** [...] na música que se ouve, na comida que se prova, nos movimentos do corpo, nos perfumes cheirados” (COSGROVE, 2002, p. 71 e 89, grifo nosso).

Portanto, o entendimento do que é paisagem, a percepção dos alunos sobre elas, ao longo de seu caminho para a escola, e os sentimentos, emoções, memórias e significados, puderam ser transpostos nos mapas mentais, que mesmo sem dar respostas claras e objetivas, como um mapa tradicional, mostram as concepções de mundo dos alunos e de como se sentem perante paisagens pelas quais passam e interagem quase que cotidianamente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou destacar o conhecimento dos alunos sobre a paisagem, sua percepção, sentimentos atrelados a ela e sua representação em forma de mapas mentais. Para isso, a análise pautou-se principalmente nas vivências dos alunos. Neste sentido, pode-se compreender que para os alunos a paisagem pode apresentar significados objetivos e subjetivos, enfocar o material e o imaterial, elementos carregados de símbolos e sentimentos que contam um pouco da história dos lugares por onde passam e da sua relação com as paisagens.

Em alguns momentos, os questionários respondidos pelos estudantes apontaram um entendimento da paisagem no plano do visível, da sua morfologia, e dos aspectos naturais, como as árvores, mas que acaba se mesclando as representações de construções urbanas (casas, ruas, praças, instituições, etc.) e aos seus sentimentos.

No tocante aos sentimentos destacados pelos alunos, acerca das paisagens por eles percorridas, evidencia-se que tanto estão atrelados aos aspectos materiais, como a feiura do lixo e a beleza da praça, como simbólicos, relativos a memória ou ao aroma dos perfumes. “O meio ambiente da cidade é ao mesmo tempo sedutor e irritante, bonito e desagradável” (TUAN, 1980, p. 273). Nessa perspectiva, a paisagem é tanto constituída por formas, tons, quanto odores, sons e movimentos, apreendidos pela vivência cotidiana dos indivíduos com aquela (SANTOS, 1991; KOZEL, 2012).

As compreensões do que é paisagem, a percepção da mesma e os sentimentos a ela atrelados foram expressos com o uso dos mapas mentais, que permitiram compreender o conhecimento dos alunos acerca do mundo que habitam, sendo possível entender que a partir de sua lente cultural o sujeito observa aquilo que suas experiências de vida e seus valores simbólicos lhe apontam. Doutra forma, seria dizer que “A percepção é um processo seletivo da apreensão” (SANTOS, 1991, p. 62).

Desta forma, em alguns desenhos observou-se que há uma maior capacidade de comunicação e percepção do movimento da paisagem, aonde se vê um maior nível de detalhamento como lugares importantes e que fizeram parte de momentos de suas vidas ou do seu cotidiano ao se dirigir até a escola. Em alguns mapas mentais certos elementos apareceram maiores ou menores, com traços bem definidos ou não, no centro ou nas margens da folha. Isso se deve a importância material e/ou significado simbólico atribuídos a esses elementos para cada indivíduo, com destaque para a paisagem da creche, as árvores, a praça e a escola.

Identificou-se que a forma de linguagem do desenho permite uma abstração do mundo real, mediante processos cognitivos, possibilita despertar a curiosidade dos alunos e estimular um pensamento espacial fundamentado. Nesse sentido, o mapa mental oportunizou compreender e interpretar um pouco das concepções de mundo e das paisagens vivenciadas pelos estudantes de terceiro ano do Colégio Estadual Papa João XXIII.

A importância de se haver trabalhado as paisagens que os alunos observam durante o trajeto até a escola foi o de permitir que possam aprender com as suas próprias reflexões, a partir do que escreveram, falaram e desenharam. Dessa forma, torna-se possível estimular uma consciência perceptiva que exprima um olhar crítico e mais amplo sobre a realidade das paisagens vivenciadas no cotidiano pelos educandos, seja mediante suas referências escolares ou, mais comumente, de vida.

Por fim, buscamos nas palavras de Cosgrove (1998, p. 109) os argumentos para finalizar esse texto: “o que é proposto aqui não pressupõe conhecimento profundo ou especializado, apenas vontade de olhar, de fazer a pergunta inesperada e estar aberto a desafios, a suposições tomadas como certas”. A perspectiva não foi a de compreender as habilidades dos alunos em termos cartográficos, mas sim suas concepções de mundo atreladas as paisagens, o que pensam sobre elas, a partir das vivências. Esperamos tê-los instigado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1999. 90p.
- CASTRO, I. E. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YAZIGI, E. (Org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121- 140.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.
- COSGROVE, D. Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. **Boletín de la Asociación de los Geógrafos Españoles**, Madrid, n. 34, p. 63-89, 2002.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.
- DANIELS, S.; COSGROVE, D. Introduction: iconography of landscape. In: _____. (Eds.). **The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 1-10.
- DEL RIO, V. Cidade da mente, cidade real: percepção e revitalização da área portuária do RJ. In: _____.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Ed. UFSCAR, 1996. p. 3-22.
- FRANCISCHETT, M. N. **A Cartografia no Ensino de Geografia: construindo os caminhos do cotidiano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Litteris Ed.; KroArt, 2002. 151p.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200p.
- KOZEL T. S.; NOGUEIRA. A. R. B. A Geografia das Representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. **Revista Do Departamento De Geografia**, São Paulo, v. 13, p. 239-257, 1999.

KOZEL, S. Mapas mentais – Uma forma de Linguagem: Perspectivas Metodológicas. In: _____; SILVA, J. C.; FILHO, S. F. G. (Orgs.). **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007. p. 114-138.

KOZEL, S. As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA. 12., 2009, Montevideo. **Anais...** Montevideo: Universidad de La Republica, 2009. p. 1-13.

KOZEL, S. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 37, p. 65-78, 2012.

LEMA, P. B. Representações espaciais em geografia: da paisagem como objetivo, às lógicas espaciais e modificações do território. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, Lisboa, n. 10, p. 97-119, 1997.

MARTINELLI, M.; PEDROTTI, F. A cartografia das unidades de paisagem: questões metodológicas. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 14, p. 39-46, 2001.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. L.; CACETE, N. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 383p.

RICHTER, D. **Raciocínio Geográfico e mapas mentais: a leitura espacial do cotidiano por alunos do Ensino Médio**. 2010. 320 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2010.

RODRIGUES, A. A. B. GEOGRAFIA E TURISMO - Notas introdutórias. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 6, p. 71-82, 1992.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1991. 124p.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. 1. ed. São Paulo: DIFEL, 1980. 288p.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. 1. ed. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

Trabalho enviado em 03/03/2020

Trabalho aceito em 05/05/2020